

MEMÓRIAS DE ESTUDANTES DE ANGOLA NO BRASIL

*Nancy Alessio Magalhães**

Resumo: Neste trabalho considera-se o problema da construção e reconstrução narrativa como memória, como trama histórica, que acolhe o tempo na sua descontinuidade. Tendo como referências alguns testemunhos orais e fotografias de memórias de estudantes de Angola, cria-se possível atalho exploratório de suas experiências relacionais com lugares, personagens e temas, de suas concepções e imagens, temporalidades e espaços plurais, que podem ultrapassar os de sua terra natal.

Palavras-chave: Memória. Narrativa. Testemunho oral.

Abstract: In this work I consider the problem of the construction and reconstruction of the narrative as memory, as historic plot and time without continuity. Using as references a few oral testimonies and photographs based on Angola students' memories I have created possible investigate path of their experiences related with places, people and matters of their conceptions and images, plural times and spaces that can overtake their native land.

Keywords: Memory. Narrative. Oral testimony.

Neste trabalho interpretam-se narrativas em relatos orais e escritos, articuladas com fotografias, obtidas em pesquisa que se realiza com estudantes angolanos (as), na UnB, dentre os quais são consideradas três dos (as) já entrevistados.¹

Brasília, capital do Brasil desde 1960, tem sido cenário de permanências, rupturas e contradições, entre outras, pela constante migração de brasileiros (as) e também de estrangeiros (as). Assim, eles e elas forjam e ampliam relações sociais entre si e com outros grupos, de solidariedade e de conflito, elaborando outras versões da história, movimentando identidades, por meio de negociação entre vários interesses e projetos de reapropriação de tempos e espaços. Em suas práticas cotidianas, presentificam ausências pela

* Doutora em História, Universidade de Brasília/PPGHIS e NEOIM-CEAM. Apoio DEX/UnB. E-mail: necoim2@gmail.com

¹ Nesse texto, insiro outras fotografias e amplio algumas interpretações, que elaborei em trabalho apresentado no IX Encontro Nacional de História Oral- ABHO - Testemunhos e Conhecimento, na UNISINOS, em São Leopoldo-RS, realizado de 23 a 25 de abril de 2008.

rememoração (MATOS, 2001) ao serem estimulados (as) por diálogos comigo, e com demais participantes nesta pesquisa.² Nesse vir-a-ser interativo, tenho considerado estudantes de Angola, como narradores-pensadores (MAGALHÃES, 2001, 2002), que em suas experiências relacionais com lugares, personagens e temas (POLLACK, 1989, p.10-11), criam concepções e imagens, que incluem temporalidades e espaços plurais, os quais podem ultrapassar os de sua terra natal.

A escolha é começar pelos testemunhos de Alexandra e Osmar (Ito), em que resistências passadas silenciosas são trazidas para o momento atual pela narrativa, despertando nas fissuras da memise cenas decisivas, relampejantes de experiências que carecem de ser comunicadas, que fazem parte também da história da humanidade, entretecendo espaços e lugares. É a figura da avó, que parece aspirar por imortalidade, pelo legado em aberto que ela tem ainda a transmitir no presente.

(...) Eu nasci em Angola a 22 de maio de 1965. Quando eu era criança, Angola era uma colônia de Portugal. As minhas duas avós já faleceram. A mãe do meu pai aparecia de vez em quando e era uma figura tradicional de Luanda, era conhecida como Bessangana, da etnia Quimbundo, hoje são identificadas como senhoras de idade, setenta, oitenta anos, acho que originárias da ilha de Luanda. Vestia à maneira tradicional, com panos, não usava roupas européias e eu nunca soube muito bem que é que ela fazia, ela andava pela cidade inteira, ia aos funerais. Hoje depois de adulta, eu soube que ela era uma espécie de mãe-de-santo talvez, que ela era chefe dos Calundus e Calundus são espíritos, nem sei qual era o Calundu dela. E, então, ela tinha que andar nos funerais das pessoas que eram do mesmo Calundu e então ela tinha que fazer cerimônia, algumas meio públicas e outras fechadas. Como eu não estava lá, minha irmã mais nova me contou que pôde assistir a determinados rituais, quando ela fazia, outros ela não pôde assistir. Por exemplo, minha irmã contou que o caixão não pode entrar de qualquer forma dentro da igreja, tem que ser numa determinada posição, são entoados uma série de cânticos, de rituais, as companheiras dela faziam alguns passos de dança e cantavam certas músicas e isso foi o que minha irmã contou. Então minha avó, eu tinha uma relação mais forte com essa minha avó, aí meu interesse pela história, pelas coisas passadas. Eu gostava muito de ficar conversando com ela quando ela ia lá em casa. **E ela aparecia... nunca ninguém sabia quando ela ia aparecer.** (Alexandra Aparício, 2004, negritos meus)

² Até o momento, participaram dessa pesquisa os alunos de graduação da UnB: Ester de Souza Oliveira (2006-2007) e Israel Lucas de Carvalho (2006), como bolsistas de extensão (DEX); como bolsista de iniciação científica voluntária -PIBIC, Cândida Carolina de Andrade e Silva (08/2004 a 06/2005). Os materiais aqui tratados fizeram parte de uma exposição fotográfica, com outros também resultantes dessa pesquisa, na UnB, em 2006/2007, intitulada "Memórias: estudantes angolanos (as) na Universidade de Brasília". No acervo do NECOIM-CEAM/UnB, estão arquivados termos de cessão de direitos, assinados por escrito, por cada um(a) desses(as) entrevistados(as), autorizando a mim nominalmente como pesquisadora, para usar suas falas e imagens (inclusive fotografias) dos(as) mesmos(as), em publicações, com seus nomes próprios.



Foto n. 01
Madalena-avó de Alexandra
(acervo particular)

Foi Alexandra, prestes a retornar a Angola, em 2006, quem cedeu a foto acima, de sua avó Madalena, somente após autorização de seu pai. Ela, e sua atitude instituinte de desejo de autonomia e independência (“ninguém sabia quando ia aparecer”), estaria fadada a desaparecer, se palavras e fotografia não cartografassem experiências, a partir de um tempo ausente, tornado presente pela linguagem. Também Osmar agrega pedaços de vida que já não são mais, para tornar visíveis saberes, referências construídas no contato com os outros, entre eles também com a avó, portadora de sentidos do existir, cumprindo um ciclo, um ritual de evocação que passa pela corporalidade, pelos afetos, pelas ações, pelo que teima em não se deixar apagar.

(...) Nasci em 18 de dezembro de 1979 no Lubango, Huila, Angola. Meus avós maternos são angolanos do município de Chicomba, província de Huila. Nessa região sul de Angola, tem a etnia Umbundo, que também tem no centro e no interior do país. Então os meus avós maternos e paternos fazem parte dessa etnia. Até onde eu sei, eles falam Umbundo, falavam o tempo inteiro, apesar de sofrerem represálias, porque eram proibidos de falar a língua, era considerada inferior pelos portugueses. Estava fadada à extinção, a desaparecer, mas eles falavam em casa, como até hoje grande parte da população fala Quimbundo, em Luanda.

Minha avó materna, Helena Bayeta trabalhava com a terra, era uma fazenda familiar, tinha vários tipos de gado, caprino, suíno. Meu avó materno, Serrão, trabalhava muito com plantas medicinais, ensinava às pessoas, em casa, sobre diversos assuntos e sempre estimulava o cultivo da terra também. Havia e há uma ligação muito forte com ela. A gente sempre respeitava os mais velhos e ela era a anciã da família, conselheira, mãe; criou os filhos, os netos, os diversos bisnetos, e sempre cabia mais um; os vizinhos, os filhos do vizinho, ela ajudava a criar. Além do modo de falar, do modo de cozinhar, de vestir, eu lembro que a minha avó não usava relógios e acordava sempre muito cedo, cinco, seis horas. Fazia o almoço, cozinhava cedo também e pontualmente sem relógio. O almoço estava sempre pronto. Tinha vezes que era minha irmã Leila que fazia o almoço, tinha dia que era eu, isso com quinze anos.

Meu avô paterno, Baxe, de Caconda, foi parar no Timor Leste, quando era do exército português, por obrigação, contratado. Lá conheceu minha avó paterna que chama Abuber, nascida no Timor. Hoje ele mora numa chácara, lá em Lubango, na serra do Cristo Rei, dedicando-se à agricultura. (Osmar Serrão Baxe, 2006)

Mas há aqueles que, pelas contingências históricas de sua vida, precisam se apegar ao que imaginam como tempos e espaços congelados, que deveriam retornar, porque uma vida sem rotinas e disciplina seria ameaçadora. Não encontram segurança para compor outro desenho textual, para manejar histórias, porque há seres humanos, entre eles pesquisadores (as), que admitem que a vida por si mesma forme uma totalidade de sentido, como dado imediato, como caminho linear. Fatos e personagens envolvem-se e se interligam num enredo em que são cruciais as instituições enquanto tais. Em tal perspectiva e processo se inserem as memórias de Adalberto, o que o impede de “voltar a encarnar o espírito patriótico”, como modo de enfrentar sua angústia de se sentir estrangeiro em seu próprio país.

(...) Eu nasci em 1978, em Luanda, capital da República de Angola, a 18 de maio. Foi numa época em que Angola tinha apenas três anos de independência adquirida em 1975, o Brasil foi o primeiro país a reconhecer a independência de Angola. Bem, a minha infância começa em Angola, onde eu morei até os sete anos, comecei a fazer a primeira série em Luanda, porém eu tive que me ausentar por cinco anos, devido a uma missão que meu pai tinha que cumprir, visto que meu pai é militar. Ele era coronel de exército de Divisão de Angola e, em 1985, Angola estabelecia uma cooperação militar com a ex-URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) na era do Gorbachov. Fiquei até 1990 e depois eu voltei para Angola, logo após o término da missão do meu pai. Eu vejo que a minha geração de jovens tem um compromisso de avançar o país em termos de desenvolvimento social, tecnológico, econômico, porque, após a independência de 75, nós vivemos uma guerra civil até 2002. Angola, um país praticamente sem formação acadêmica, onde nós temos poucos quadros, viu-se numa situação extremamente difícil para poder gerir recursos naturais. Pois é um país que tem muito petróleo, tem diamantes, tem pesca, tem café e outros recursos que dão sustentabilidade, mas é muito difícil um país sair de uma guerra e de repente obter todos esses recursos e poder administrar, é uma experiência muito difícil. Eu acredito que a minha geração, e de outros angolanos que estão espalhados pelo mundo, pelo Brasil, USA, Portugal, Inglaterra e outros países têm a obrigação de melhorar o país, porque nós temos condições superiores ao que nossos pais tiveram. E eu acho que hoje, com o acesso à internet, com toda essa globalização, há todas as possibilidades de um estudante poder se desenvolver e investir um pouco mais em si e dar seu contributo para o país.

Fiquei até os doze anos na ex-URSS. Em 92, dois anos após a minha chegada em Angola, nós assinamos os acordos de paz, portanto, Angola tornou-se um país sem guerra, e no mesmo ano de 92 houve eleições legislativas e presidenciais, então que foram consideradas justas e livres pela ONU. Mas devido toda formação acadêmica russa que eu tive na URSS, que foi uma formação mais européia que eu tive, eu não pude seguir muito de perto a cultura angolana. Então eu cheguei à Angola sem saber, portanto, aquela linguagem íntima, gírias, quer dizer **eu era um estrangeiro dentro do meu próprio país**. Então muitas das vezes eu tive dificuldade de integrar-me socialmente com angolanos, então isso é que eu chamo de voltar a ter o espírito patri-

ótico, não que eu tenha perdido, apenas tinha perdido de perto, mas não no coração. Sim, eu me sentia um estrangeiro devido a essa divergência de vida que eu tive na URSS e que Angola, portanto, era totalmente adversa não? Um país africano com outra cultura, outro estilo de vida e ainda por cima em guerra. Então essa reintegração cultural foi difícil, porque eu encontrei tudo diferente, alimentação diferente, quer dizer coisas que eu já não me recordava antes de ir para a URSS; tive que me habituar novamente à alimentação angolana, às escolas de Angola; tive que voltar a estudar literatura angolana, cultura angolana e tudo que se referenciava à Angola. E é isso que eu posso chamar de voltar a encarnar o espírito patriótico não é? (Adalberto da Silva Vieira Lopes, 2004, negritos da autora)



Foto n. 02

Adalberto na Livraria FNAC-
Parkshoping/BsB

Autor: Israel Lucas de Carvalho
(2006)

(...) Eu realmente comecei a fazer o segundo grau em Angola, mas não terminei porque em 1996 eu vim para o Brasil, onde estou me graduando em Administração. Porque meu pai veio pra cá como adido militar novamente. Então muitos estudantes começaram a vir a partir de 1992, 93, foi quando o Brasil começou a receber esse número grande de estudantes angolanos. (Adalberto)

Nas memórias de Alexandra e de Osmar, o mundo da experiência se torna visível pelos sentidos que se emprestam a ele. Essa substância vai se expressar como pensamentos, atitudes, sentimentos, valores, normas comportamentos. Esses substratos é que fazem os sujeitos entrarem em contato com as instituições e não o contrário.

(...) Meu avô eu não conheci, o nome dele era Alexandre, meu nome era homenagem a ele. Ele trabalhava em tipografia, montava livros, daí acho que, de um lado, o amor pelos livros, pela leitura, meu e de minha irmã tenha passado pela minha mãe, que herdou do pai dela. Ela conta que com dez, onze anos, domingo, quando o pai dela tinha que fazer trabalhos, ela ia com ele. Então ela conhecia muitos livros e passou pra nós esse amor pelo livro. Como ele foi tipógrafo, lá em Angola, eu tinha acesso a muitas edições. Na cidade, em Luanda, sempre teve certa elite intelectual, não todo mundo, mas primeiro uma elite, havia uma elite branca e uma elite nacional, inclusive, desde os séculos passados, século dezoito, dezenove, que se consideravam privilegiados, eram negros e mestiços que tinham um acesso à educação e escreviam,

inclusive havia os jornais nacionais, e que reivindicavam o estudo de certa cultura angolana.

Quando eu fui para a Hungria, foi porque não havia faculdade para fazer história, não havia faculdade para fazer letras em Angola. Como havia muito poucos angolanos com formação superior, o governo instituiu um instituto de bolsista de estudo que as pessoas inscreviam-se, depois diziam o curso que queriam ir e eram chamadas para os mais diversos países. Como éramos um país de tendência socialista, havia certa proximidade com os países do leste. A minha irmã já tinha ido para a Tchecoslováquia com uma bolsa e eu fui, então, em 86, para a Hungria, porque foi o país que naquele ano tinha bolsas para história, porque senão poderia ter ido para outro país qualquer. Eu terminei minha graduação de história na Hungria em 92 e retornei à Luanda para trabalhar o que na altura se chamava Arquivo Histórico Nacional. Então a pessoa que era ministra da cultura na altura de 95 me chamou para eu ser nomeada diretora da Biblioteca Nacional; apesar de não ter muita experiência para esse cargo, por questões profissionais, pela própria conjuntura do país, eu fui, tive que aceitar. Então, quando tinha 30 anos, tornei-me diretora nacional. (Alexandra)



Foto n. 03
Alexandra na Colina/UnB (2005)
Autora: Nancy Alessio Magalhães

(...) Vim para Brasília, para a UnB, fazer meu doutorado. Escolhi o Brasil não só pela língua, mas porque acho que tradições, uma coisa que é específica, essa chamada ginga brasileira, que não é brasileira coisa nenhuma, vem lá da minha terra, lá dos nossos antepassados comuns, o jeitinho brasileiro de resolver as coisas, é bem o jeitinho angolano, quem herdou de quem? Provavelmente vocês de nós, ou teríamos nós de vocês? (Alexandra).

É pela narração que se interpretam sentidos do tempo vivido, de modo nunca definitivo. Também assim na fala de Osmar, que chega a dizer isso por meio de um provérbio africano.

(...) Só tenho uma irmã, mas em compensação, tenho milhares de primos que minha vó teve treze filhos, então eu tenho vários tios e milhões de primos e a família é

grande. É, mas a gente sempre foi educada pra encarar a vida, encarar o mundo, talvez seja por isso que com dezessete anos minha mãe falou “**Não sai, vai!**” Fui educado pro mundo, pra vida. (negritos meus)



Foto n. 04
 Osmar e família (2004)
 Autor:: Baxe (pai de Osmar)

(...) Eu vim para o Brasil porque eu sempre tive vontade de viajar, de conhecer culturas diferentes; esse intercâmbio cultural foi sempre do meu interesse. A minha avó Helena, que tinha relógio próprio, dizia que quanto mais viajar mais aprende. Um amigo ouviu no rádio e me falou que a Embaixada do Brasil em Angola estava abrindo seleção para angolanos estudarem através do convênio PEC. É, mas eu também tinha essa vontade de reencontrar os irmãos mesmo que saíram, tinha vontade de ir para a África do Sul, pro Egito, Etiópia. Mas são de outra língua, outros costumes. Teve, então, a oportunidade do convênio e me senti consciente de que não me sentiria estrangeiro numa terra que meus pais ajudaram a construir, e num tempo mais ancestral ainda.

A gente está aqui vivendo e regando nossas raízes porque se não fossem nossos ancestrais, talvez não estivéssemos aqui hoje. Tem um provérbio africano que diz: **o mundo não nos foi dado por nossos antepassados e sim emprestado por nossos filhos.** Ou seja, é uma profundidade grande nisso, se ele é filho, e empresta, o que é emprestar? É dar mais, depois vai receber; então isso mostra um pouco esse ciclo. (Osmar, negritos meus)



Foto n. 05
 comida: bolo de gigumba
 (amendoim)
 Autor: Osmar (2004)

(...) Isso é uma tradição africana, porque as coisas são discutidas e decididas em volta de comida ou podemos conversar à volta de comida. Mas o fato de estar um grupo de

peças juntas, quer dizer que mais tarde vai acabar aparecendo comida e bebida e conseqüentemente música, porque temos que dançar, faz parte da cultura estarmos todos juntos e se não há som lia assim, a famrque eu fui criada assim, que a fama tamb muita coisa, mas e doro ir passear pra feira da Torre.mbundo que endete inclusive a maior feira da áinclusive a maior feira da Aa cadeira, eu sou fascinada desde criança que eu sou fascinada por f só resta improvisar. Já não é como nos séculos anteriores, que vai-se buscar um tambor e fazer uma batucada, vai-se buscar um som, os cd's, um vídeo, um toca-fitas e vamos! À volta da mesa é que é que se discutem e se resolvem os problemas... Há almoços que demoram horas, horas e horas. (Alexandra)

A comida vem sendo interpretada por vários (as) estudiosos (as) como experiência e ritual para celebração e movimentação de tradições e identidades. Dentre outros (as), compartilho com argumentos de Lucena (2004), embora aqui não se trate de um banquete ritual festivo, tal como o que é analisado por essa autora. No caso, na fala acima transcrita de Alexandra, há correspondências com a dimensão de memória sugerida por Lucena, para quem o comer coletivo não é um ato restritamente biológico, constituindo-se numa sociabilidade e num elemento de troca, de comunicação entre seres humanos que, numa contagiosa aproximação, marcam em lembranças sua adesão a valores, negociam conflitos e renovam energias. Tradições do passado são selecionadas, atualizadas e transformadas no presente, em experiências de tempo ou em temporalidades não lineares.

Além da linguagem oral, outras são mobilizadas tanto nessa prática cultural da comida, como em alguns atos da vida cotidiana. Nessa direção diz Osmar:

(...) Além da linguagem falada, existem outros tipos de linguagem, gestual também, com certeza. Por exemplo, eu fui fazer o trabalho de campo em março de 2003, estava no Cunene, sul de Angola, e eu vou dizer que me comuniquei, mas não entendi uma palavra do que o meu compatriota falou. Mas eu tava no campo, tava de carro coletando amostras, de pedras, rochas que eu trouxe aqui pro Brasil, algumas pra fazer análises laboratoriais, para a pesquisa do meu curso de mestrado na Unb. Tinha um homem que chegou de bicicleta, com trajes típicos, eu não falo a língua dele, mas eu entendi através de gestos que ele queria uma carona.

Quando o país estava em guerra, lá na minha casa, em Lubango, a gente escutava a Voz da América e outras rádios de outros países. Quem entendia a língua traduzia, meu pai tinha um radinho à pilha, conectado nessa Voz da América. Eu gosto de estar antenado no que está acontecendo, a gente já sabe de muita informação já mastigada, então quanto mais fonte de informação você tiver, mais uma análise crítica você pode elaborar sobre o que você escutou. Então, quando cheguei aqui, conectei a antena no telhado, comecei a pegar BBC, RFI, Rádio França.



Foto n. 6
Osmar no imbondeiro (2004)
Uri

Como escreveu Osmar no caderno de campo deste estudo, em 2007:

(...) Imbondeiro, “árvore gigante”, pode representar e representa a sabedoria e o conhecimento. Apenas uma pessoa não consegue abraçar esta árvore tão grande, mas várias pessoas de mãos dadas conseguem. O mesmo acontece com a sabedoria. Quanto mais mãos dadas e irmãos unidos, mais aprendemos e evoluímos...

Alimentado pelo presente, Benjamin (1987) propõe que se trabalhe com fragmentos do pensamento que se consegue arrancar do contexto deles próprios, do passado, para dispô-los novamente, de um modo que eles possam expressar outra razão de ser, dirigida às cesuras da história, contra a história como continuidade. Depositários de memórias como os itinerários da vida narrados por Alexandra e por Osmar têm latências para instituírem outras interpretações da vida histórica e cultural, enredos expressivos que transcendem práticas institucionalizadas de partidos, de grupos organizados, entre outras.

(...) Da guerra eu não posso nunca ter boas lembranças. Guerra é uma coisa amarga, meu país foi totalmente destruído, as esperanças. Eu vi os meus tios mais velhos, primeiro foi a geração do meu pai e essa geração que foi pra luta na mata, que foi presa, felizmente meu pai não foi. Como ele era da resistência, ele era do movimento clandestino, meu pai evitava levar-nos pra certos lugares para que minha mãe não ouvisse. Meu pai a vida inteira conseguiu esconder isso da minha mãe, só quando foi no dia 25, 26 de abril de 74, meu pai colocou a fotografia do Augustinho Neto, que era o presidente do MPLA e a bandeira do MPLA na sorveteria. E aí todo mundo ficou sabendo que ele era do partido e o que ele fazia, consegui evitar a prisão de muita gente.

Eu lembro que começou tudo em 75, era maravilhoso, era fantástico, na época eu acho que eu posso dizer que eu vivi momentos históricos, não só da independência como ver nascer uma nação. Ver um povo esperançado em que as coisas vão mudar, que a opressão ia acabar, o fato que um ser negro ia ter direito à escolaridade, a viver uma vida decente, que não ia haver mais o trabalho forçado, o contrato, as pessoas serem mandadas de um lado para o outro e irem trabalhar pra fazendas dos homens ricos e depois não ganharem, absolutamente nada, viverem aquela vida miserável, a

vida inteira. Lembro-me como nós tínhamos esperanças, eu era criança e vivi esses momentos todos.

Por ver muitos daqueles comandantes, soldados são imagens que estão mais presentes, que faziam parte do meu dia a dia... Encontravam-se todos ali, era normal no final do dia vir os membros do MPLA, depois Ministros, o próprio Augustinho Neto, primeiro presidente do país, que proclamou a independência naquele 11 de novembro de 75, que eu conheci lá, como outros membros, muitos deles que eu trato de tios. A mulher de Augustinho Neto era branca e ele era um negro, que se formou em Portugal e se casou com uma senhora que não tinha nenhuma formação superior e esta passou ao lado dele agruras de ter o marido preso.

Eram três movimentos que lutaram pela libertação angolana, de 61 até 75: o MPLA-Movimento Pela Libertação de Angola; FNLA-Frente Nacional Pela Libertação de Angola e UNITA-União Nacional Para Independência de Angola, que lutou com o MPLA, depois partido do governo, por questões de poder, até 2002. Como fala um amigo meu, eu sou filhotinha do MPLA. Fiz parte da Organização dos Pioneiros, militei nas Associações Estudantis na juventude, hoje não faço mais parte do movimento, de partido nenhum, sou uma cidadã consciente, prefiro não estar ligada a partidos nem movimentos políticos. Tenho todas essas memórias, tudo isso faz parte da minha vida. A Revolução, a Independência foi um marco, não só porque trouxeram ideais, mas porque o papel que as mulheres tiveram na luta pela libertação, elas verificaram na prática. Claro que, ainda hoje, há muita gente que continua achando que igualdade é só da casa, da porta pra fora.

Ser africano era automaticamente ser negro, então como é que eu era africana, se eu não era negra? Na Hungria, nós africanos nos defrontávamos com outro problema que era por vezes racismo, por vezes desconhecimento, por vezes ignorância de não aceitar o outro como ser diferente, que não era branco, não era louro, que tinha um tom de pele diferente, que falava uma língua diferente, tinha hábitos diferentes... Considero os húngaros um povo afável, simpático, lá deixei bons amigos; mas sei que por ter uma tonalidade de pele mais clara, eu não tinha problemas na universidade, como tinham os meus irmãos angolanos e outros africanos. Porque os professores, quando iam para os exames, viam que eu era estrangeira, mas não me viam negra e então eu tenho plena consciência disso, que por vezes posso ter tido notas que meus colegas angolanos não tinham, porque eu não era negra, não sou negra. Eu achava que isso era uma injustiça.

Hoje acho que sou essencialmente uma cidadã do mundo, com pensamento e uma maneira de estar e de ser no mundo africana, que é angolana; que é por isso que identifico que, apesar da minha mãe ser portuguesa, ela ter tido uma educação portuguesa, ela viveu uma parte da vida dela em Angola e acabou por assimilar e considerar, como seus, valores africano. (Alexandra)



Foto n. 7
placa de advertência contra
minas (2004)
Autor: Osmar.

(...) Uma guerra civil não tem como generalizar para um país inteiro. Até 1991 a guerra era longe, não era em todas as cidades de Angola, nem nas principais capitais, era mais para o interior. Até 1990 a estratégia do apartheid era a da expansão para além da África do Sul. Namíbia era alemã, Angola ajudava a Namíbia na luta pela libertação. Então em 78 Lubango foi bombardeada pelos ingleses e alemães; Mandela só foi solto em 90 e em 91 assumiu a presidência da África do Sul.

Para mim essas fronteiras - se é africana, se é africana de que lugar da África- foram colocadas pelos colonizadores com a filosofia de dividir para governar. A gente é nacionalista, “o meu país, o meu país”, mas a gente não se lembra que na África as fronteiras foram colocadas com as conferências de Berlim, e que com a União Africana hoje estas fronteiras estão sendo retiradas. Não existe a União Européia? Então existe a União Africana. Sempre na medida do possível procuro fazer um intercâmbio cultural em vez de ficar só na grande cidade; tem muita África no Brasil, muito Brasil na África. (Osmar)



Foto n.8
Marisol por Marisol (2004)

Por múltiplos espelhamentos, expressados nessa foto (Marisol, por ela mesma), cedida por Osmar, quando se tecem essas narrativas, (re) constroem-se identidades e também alteridades. Essas historicamente se delineiam do indivíduo para a sociedade e, simultaneamente, desta para o primeiro. Tanto semelhanças quanto diferenças são acessadas em processos históricos descontínuos, movimentos temporais não lineares, mas contíguos (GAGNEBIN, 1997, p. 102-103). Assim, selecionei vestígios na composição e recomposição de narrativas, para conseguir compreendê-los sem desfigurá-los, aproximar-me do outro pelo espaço da diferença e da distância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza, o narrador? considerações sobre a obra de Nicolai Leskov e sobre o conceito de história. In: — *Obras escolhidas 1: magia e técnica, arte e política, ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. respectivamente, p.114-119, 197-221 e 222-232.

GAGNEBIN, J. M. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 81-106.

LUCENA, C. Imagens e significado do banquete na Festa do Rosário. *História Oral*. Revista da Associação Brasileira de História Oral, São Paulo, n. 7, p. 199-215, jun. 2007.

MATOS, O. A narrativa: metáfora e liberdade. *História Oral*. Revista da Associação Brasileira de História Oral, São Paulo, n. 4, p. 9-24, jun. 2001. Também publicado no livro de COSTA, C. B. et alii. (Orgs.). *Contar história, fazer História: história, cultura e memória*. Brasília: Paralelo 15/PPGHIS-UnB, 2001. p. 12-28.

MAGALHÃES, N. A. Narradores: vozes e poderes de pensadores. *História Oral*. Revista da Associação Brasileira de História Oral, São Paulo, n. 5, p. 45-70, jun. 2002. Também publicado no livro de COSTA, C. B. et alii. (Orgs.). *Contar história, fazer História: história, cultura e memória*. Brasília: Paralelo 15/PPGHIS-UnB, 2001. p. 85-107.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Trad. de Dora Rocha Flaksman.